

RAINER MARIA RILKE

Carta sobre  
Paul Klee



**EXPRESSO  
ZAHAR**



# **CARTA SOBRE PAUL KLEE**

**Rainer Maria Rilke**

Rainer Maria Rilke

Carta sobre Paul Klee



Tradução:  
*Pedro Süsskind*



Carta sobre Paul Klee  
*por Rainer Maria Rilke*

# Carta sobre Paul Klee<sup>1</sup>

## RAINER MARIA RILKE



*Castelo de Berg am Irchel  
Cantão de Zurique  
23 de fevereiro de 1921*

Meu querido Hausenstein,<sup>2</sup>

quanta razão você teve em me enviar precisamente esse livro! Fui completamente tomado e desde ontem que o estou lendo. O que me surpreende é que você tenha chegado a apresentar as condições, o destino, a fatalidade dessa obra (incomensurável, sempre pensei): você faz isso com uma infalibilidade e uma profundidade que não só ajudam a compreender o trabalho de Klee como me parecem ser decisivas, porque se tenta aqui realizar um corte único na situação presente do artista.

Todos nós vimos a vinda dessa fuga do acontecimento que se desenrola no invisível, essa renúncia, preparada simultaneamente em todas as partes de um mundo que se desliga do equivalente sensível. O profundo desespero da criação em Cézanne, sua luta para “realizar” me deram muitas vezes a impressão de uma violência, na tentativa de voltar a unir, a qualquer preço, o objeto e sua significação; mas já naquele momento o preço era a oblação, a renúncia cotidiana, o sacrifício da vida em favor daquilo que nenhuma apropriação pode subtrair.

Sobre o que Cézanne fez, por mais prodigioso que tenha sido seu triunfo, parece legível a palavra “fatalidade”. É graças ao fato de você não ter hesitado em escrever isso, em inscrever isso na existência de Klee, que você tem, no horizonte deste testemunho, a liberdade necessária para caracterizar as alturas extraordinárias a que pode chegar um homem, caso permaneça atento ao chamado dos dons que lhe são próprios, e caso resista sempre à tentação de empregar meios de expressão que não têm a exatidão a ser atingida. Como os naufragos, ou como aqueles que ficam aprisionados pelas geleiras do mar polar, e que ainda assim conseguem, até o fim, recolher seus sofrimentos e suas emoções para traçar uma última curva de vida na margem

totalmente pura da folha em que, até então, ninguém havia chegado; assim Klee (segundo o seu livro) se consagra a descrever as associações e os contatos que nos ligam às aparências defronte de nós. Estas, livres de conexões, se desviam e o ajudam tão pouco que, “ébrio de ausência”, às vezes se torna capaz de utilizar as formas como uma superabundância de sua própria privação.

Talvez aqui seja o ponto onde tem início a clarividência que o destaca, e da qual tive um pressentimento no passado, na época em que (foi em 1915) pude ter na minha casa, durante vários meses, 40 trabalhos dele.

Naquele tempo eu já tinha adivinhado que seu desenho muitas vezes era transcrição de música. Ou melhor, naquele período, inclusive sem ele ter dito que sempre tocava violino, infatigavelmente, tinha adivinhado essa transcrição da música. Para mim, esse é o ponto mais desconcertante da sua existência de artista; pois, se a música de fato oferece ao traço do lápis uma base de necessidades que valem tanto num campo quanto no outro, em todo caso não consigo observar sem algum abalo esse tipo de convivência das artes, dando as costas para a natureza: como se um dia devêssemos sofrer um assalto do inferno e nos encontrarmos espantosamente indefesos.

Acrescento a essas linhas apressadas meus agradecimentos e saudações.

Sinceramente, seu  
*Rainer Maria Rilke*

p.s. Por acaso Klee (tudo isso me faz pensar nele) conhece minhas observações publicadas com o título (que não é meu) de *Urgeräusch* [ruído primordial]? Envie um exemplar para ele com minhas saudações.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Em 1915, Rilke tinha visitado Klee em Munique, como o pintor comenta numa anotação de seu diário: “...eu tinha enviado a Rilke uma pequena seleção de trabalhos, que agora me eram devolvidos por ele pessoalmente. Sua visita me deu muita alegria. ... Sua sensibilidade me diz muito, só que agora eu tento me dirigir mais para o centro, ao passo que sua preparação parece ocorrer mais sob a pele. Ele ainda é impressionista, e deste campo só tenho lembranças. Também não considera o trabalho gráfico, onde avancei mais, tanto quanto o domínio da cor, ainda em processo de amadurecimento. Para mim é um enigma a perfeita elegância de sua aparência. Como ele consegue?” (Paul Klee, *Tagebücher 1898-1918*, Leipzig/Weimar, 1980, n.959. [Ed. bras.: Diários, São Paulo, Martins Fontes, 1990.] (N. do T.)

<sup>2</sup> Wilhelm Hausenstein publicou em 1921, em Munique, o livro *Kairuan ou uma história do pintor Paul Klee e da arte dessa época*, e enviou um exemplar a Rilke. (N. do T.)

<sup>3</sup> Rilke se refere a um escrito de 1919 em que trata de suas impressões a respeito do aparelho de fonógrafo e do ato de ouvir música. (N. do T.)

Este texto foi publicado originalmente no livro  
*Sobre a arte moderna e outros ensaios*, de Paul Klee,  
pela editora Zahar

Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ  
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787  
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação,  
no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Produção do arquivo ePub: Rejane Megale

Edição digital: abril 2014  
ISBN: 978-85-378-1227-3